



## Impactos socioculturais do turismo em comunidades insulares: um estudo de caso no arquipélago de Fernando de Noronha-PE

Socialcultural impacts of tourism in islander communities:  
the case study of the archipelago of Fernando de Noronha-PE

Gisela Maria Rezende de Souza (UNA)

Nelson A. Quadros Vieira Filho (FJP)

### Resumo

Neste artigo, aborda-se o tema dos impactos socioculturais do turismo em comunidades insulares com base em um estudo de caso no arquipélago de Fernando de Noronha. O foco é a análise da percepção da comunidade em relação ao turismo e ao contato entre ilhéus e turistas no período de 1987 a 2009. A metodologia utilizada envolveu observações diretas, aplicações de questionários e entrevistas. Conclui-se que o turismo, em Fernando de Noronha, não só gera trabalho e renda, mas também atua como agente de transformação da identidade local, causando importantes custos sociais. Em um mundo cada vez mais globalizado, torna-se complexo diferenciar os impactos gerados pelo turismo que ocorrem em contextos socioculturais extremamente dinâmicos.

**Palavras-chave:** Fernando de Noronha, impactos socioculturais, turismo, comunidades insulares

### Abstract:

*This article addresses the theme of the sociocultural impacts of tourism in islander communities through a case study of the archipelago of Fernando de Noronha. It focuses on the analysis of community perceptions about tourism and the contact between islanders and tourists from 1987 to*

<sup>1</sup>Mestre em Turismo e Meio Ambiente (UNA). E-mail: <giselarezende@hotmail.com>.

<sup>2</sup>PhD em Antropologia Social/Turismo (University of Manchester, UK), consultor e assessor de pesquisa e ensino na área de Turismo na Fundação João Pinheiro. E-mail: <nelson.quadros@terra.com.br>.

---

2009. *The research methodology involved direct observations, questionnaires and interviews. It is concluded that while tourism in Fernando de Noronha provides additional opportunities of employment and income for locals and changes local identity, it also generates significant social costs. However, it is also noted that in an increasingly globalized world, it has become difficult to differentiate between the impacts of tourism and other influences that occur within already extremely dynamic socio-cultural contexts.*

**Key words:** *Fernando de Noronha, socio-cultural impacts, tourism, islander communities*

## 1. Introdução

Situa-se o arquipélago de Fernando de Noronha no Atlântico Sul Equatorial, a 360km da costa brasileira e constitui-se de 21 ilhas, ilhotas e rochedos: a ilha principal tem o mesmo nome do arquipélago. É o único distrito estadual do Brasil pertencente, desde sua reintegração em 1988, ao estado de Pernambuco.

A maior ilha do arquipélago tem uma área de 17km<sup>2</sup> e uma população de 2.605 moradores permanentes (IBGE, 2010), que correspondem aos habitantes com autorização concedida pela administração local para residirem na ilha. Há cerca de 1.100 moradores temporários cuja característica é a de estar a trabalho no arquipélago e ter vínculo empregatício com a administração local ou com alguma empresa privada. Nessa categoria, enquadram-se os moradores casados ou os que têm relação estável com ilhéus e também parentes de ilhéus que ali moram há menos de dez anos e, por isso, não têm status de morador permanente.

A história de Fernando de Noronha é marcada pelo isolamento geográfico. Localizada na rota das grandes viagens ao Atlântico Sul, a ilha permaneceu abandonada por um longo período. Em 1737, após ocupações de holandeses e franceses, passou à jurisdição de Pernambuco e iniciou-se um período de colonização com a construção de uma vila, a instalação de uma colônia correccional e de um destacamento militar.

Em 1938, foi entregue à União para a instalação de um presídio político, o qual teve curta duração. Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, o governo federal determinou a ocupação militar do arquipélago, em 1942, em função de sua localização estratégica no Atlântico Sul, e criou o Território Federal de Fernando de Noronha.

O domínio militar em Noronha vigorou por 45 anos, entre 1942 e 1987. Com a transição de governo militar para civil, em 1987, nomeou-se o primeiro governador civil do arquipélago e constituíram-se as unidades de conservação, havendo assim uma abertura maior para o turismo na ilha.

---

No final da década de 1980, com a criação da Área de Proteção Ambiental (APA) e do Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha (Parnamar), iniciou-se a exploração do turismo na ilha. Fernando de Noronha tornou-se um destino conhecido em todo o Brasil por seus atrativos naturais e sua grande beleza cênica.

Nesse período, surgiu o sistema de hospedaria familiar, transformando as residências de moradores em hospedagem para turistas e instalaram-se novos empreendimentos, como lojas, restaurantes, locadoras de automóveis e empresas de mergulho.

Atualmente, o turismo é a principal atividade econômica da ilha que é considerada um dos melhores pontos para a prática do ecoturismo no Brasil. No entanto determinados fatores ainda limitam a exploração dessa atividade na ilha, como a distância do continente, a cobrança de taxa de preservação ambiental, o alto preço das tarifas praticadas pelas companhias aéreas que servem à localidade e a infraestrutura limitada de serviços.

Além desses fatores, existem as restrições impostas pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade — ICMBio —, com sede na ilha, que atua na fiscalização e na conservação ambiental de todo o arquipélago para mitigar o impacto da ocupação humana.

Neste artigo, busca-se, como objetivo geral, analisar a percepção da comunidade de Fernando de Noronha sobre as mudanças socioculturais advindas do desenvolvimento da atividade turística após o encerramento do governo militar no arquipélago. No estudo de caso, buscam-se os seguintes objetivos específicos: i) elucidar os aspectos históricos marcantes no desenvolvimento do turismo e na constituição e reordenação da estrutura social da comunidade noronhense; ii) caracterizar a evolução do turismo e as principais transformações ocorridas na ilha entre os anos de 1987 e 2009; iii) avaliar a percepção dos moradores sobre os impactos ocorridos na sociedade de Fernando de Noronha, com base em experiências com o turismo; iv) analisar a oposição/interação entre moradores permanentes, moradores temporários e turistas em processo de transformação e agregação.

## 2. Metodologia

Na elaboração deste estudo, serviu de base uma abordagem predominantemente qualitativa, mais apropriada para melhor entendimento de questões sociais, justificada pelo contato direto entre o pesquisador e o objeto de estudo e pela exposição da percepção dos informantes.

Conforme classificação proposta por Vergara (2003), a pesquisa realizada pode ser considerada exploratória quanto aos fins, pelo fato de abrir questões em área em que se acumulou pouco conhecimento, como também descritiva, ao expor perfis e percepções de atores

---

---

locais sobre o turismo na comunidade.

Quanto aos meios, utilizou-se a pesquisa bibliográfica para a fundamentação teórica, aliada à pesquisa documental e à de campo para obtenção de dados. A pesquisa realizada caracteriza-se ainda como um estudo de caso que se aprofunda na investigação de uma localidade e de sua comunidade, a fim de discutir questões mais amplas.

Em uma primeira etapa, fez-se a revisão da literatura sobre os impactos socioculturais do turismo, o turismo e as mudanças socioculturais nos territórios insulares e na memória social. A pesquisa documental abrangeu os planos de manejo das unidades de conservação e a legislação distrital, bem como estudos sobre o perfil e o fluxo de turistas na ilha.

Na segunda etapa, realizou-se pesquisa de campo. Na metodologia desenvolvida neste estudo, utilizaram-se algumas técnicas de pesquisa para os estudos de percepção dos impactos socioculturais, com base em três abordagens — observar, interrogar e escutar —, utilizando-se análises diretas, aplicações de questionários e entrevistas.

O universo da pesquisa limitou-se a moradores permanentes. Segundo censo realizado em 2007 pelo Controle Migratório da Administração do Distrito Estadual de Fernando de Noronha — ADEFN —, existiam, na época, cerca de 3.450 habitantes em Fernando de Noronha, dos quais 2.356 eram moradores permanentes e o restante, temporários. Baseando-se no último número, definiu-se uma amostra de 225 pessoas, equivalendo a aproximadamente 10% do universo de moradores permanentes.

Por meio da pesquisa de campo, visou-se captar as percepções dos moradores permanentes acerca dos impactos socioculturais do turismo na ilha, entre os anos de 1987 — quando ocorre a transição para o governo civil e a abertura para o turismo — e de 2009 — quando se finaliza a pesquisa —, utilizando-se de observações diretas, aplicações de questionários e entrevistas. Pela observação direta do contexto da pesquisa, tornaram-se possíveis a elaboração e a aplicação de um questionário semiestruturado, submetido a um pré-teste e, posteriormente, aplicado à amostra de 225 moradores permanentes da ilha.

Aplicaram-se os questionários durante os meses de abril e maio de 2007 entre moradores permanentes das principais vilas da ilha, com idade acima de 18 anos, escolhidos de forma aleatória, conforme disponibilidade e concordância com a entrevista.

Após a aplicação dos questionários, selecionaram-se, para entrevistas em profundidade, cinco moradores permanentes (dois homens e três mulheres), que representam aqueles que vivenciam há mais tempo o processo de transformação ocorrente na comunidade local.

Os entrevistados foram informados a respeito do propósito e da relevância do trabalho e permitiram a gravação de seus depoimentos. Para preservar a identidade dos entrevistados, seus nomes não são citados no trabalho. As entrevistas em profundidade aconteceram nas residências dos entrevistados e tiveram, em média, duas horas de duração. Foram

---

gravadas em fitas e, posteriormente, transcritas na íntegra, para leitura e análise dos trechos selecionados, que se relacionavam com os objetivos propostos pelo estudo.

Com base nos depoimentos dos moradores, faz-se necessário compreender como esses sujeitos interpretam suas perdas e seus enraizamentos no processo de formação da comunidade noronhense, como elaboram as políticas intervencionistas a que foram submetidos e como reagem à evolução do turismo na ilha.

Para a obtenção dos dados pretendidos acerca da percepção de impactos, os entrevistados foram questionados abertamente sobre o que achavam da atividade turística e sobre questões relacionadas com o viver insular. Mais especificamente, abordaram-se: suas percepções sobre o fim do domínio militar e a abertura para a atividade turística; o isolamento insular; o controle rigoroso de proteção às unidades de conservação que constituem a ilha; o contato intercultural entre moradores permanentes, moradores temporários e turistas; as influências externas e a comparação com possíveis influências exercidas por parte de moradores temporários e turistas na comunidade local.

Tabularam-se as informações quantitativas, e analisaram-se os dados, por meio de estatísticas descritivas simples. Esquadrinharam-se os dados qualitativos, após classificação e agrupamento por temas e interpretação contextualizada de falas dos entrevistados.

### **3. Marco teórico**

No desenvolvimento do marco teórico da pesquisa, abrangeram-se três temas principais: impactos socioculturais do turismo, mudanças no contexto específico dos territórios insulares e natureza da memória coletiva que informa as percepções dos impactos.

#### **3.1 IMPACTOS SOCIOCULTURAIS DO TURISMO**

Atualmente, a compreensão e os impactos do turismo passam por conceitos de globalização, de internacionalização da economia, de meios de comunicação e de modernidade, ao mesmo tempo em que compreendem a dinâmica da diferenciação cultural e a da identidade local.

Caracteriza-se a modernidade, frequentemente, na literatura, como um período de constantes e rápidas mudanças, provocando alterações nos padrões de valores, consumo, formas de produção e distribuição de bens e serviços, especialmente nos tempos contemporâneos, quando passou a ser mais incisivamente mediada pelo fenômeno da globalização (GUIDDENS, 1991; HARVEY, 1992; HALL, 1997; VIEIRA FILHO, 2006).

---

Esse fenômeno, resultante da geração e disseminação de novas tecnologias, sobretudo no campo dos transportes, da informática e das telecomunicações de modo geral, foi assim definido por Santos (1996, p. 63):

*Agora tudo se mundializa: a produção, o produto, o dinheiro, o crédito, a dívida, o consumo, a política. Este conjunto de mundializações, cada qual sustentando, arrastando e ajudando a impor a outra, merece o nome de globalização.*

A globalização exige concorrência, competitividade e cada vez mais modernização. Como esse processo baseia-se no domínio de informações, saber e tecnologia, o acesso aos benefícios da globalização é diferenciado, o que leva lugares e pessoas a ficarem à margem, reforçando a tendência à exclusão social e à competição.

As formas contemporâneas de turismo são um produto da modernidade e, como tal, a globalização, a diferenciação e a exclusão social, entre outros efeitos que a modernidade e o capitalismo produzem.

O conceito de impacto do turismo refere-se às consequências que a atividade turística pode provocar em ambientes "natural", socioeconômico e cultural dos territórios que se tornaram destinos turísticos. Os impactos percebidos em cada contexto dependem de uma série de fatores ligados às particularidades da população e do meio ambiente da região de destino, do perfil, das características e do comportamento dos fluxos turísticos que se estabelecem e das formas de intervenção do estado e de outros agentes nesse processo.

Os impactos podem ser considerados "positivos" ou "negativos", de acordo com o ponto de vista em questão. Apesar de ser difícil separar os impactos ocasionados pelo turismo das influências em razão de outros fatores e processos de mudança que ocorrem simultaneamente (VIEIRA FILHO, 2006), há considerações procedentes em relação à natureza desses impactos. O turismo tem sido apontado como um dos fatores responsáveis pela segregação social, descaracterização da paisagem e das culturas locais (CORIOLANO, 1998, p. 17).

O debate sobre a sustentabilidade da atividade turística aborda amplamente os impactos ambientais, com menor destaque para os impactos socioculturais, em parte, porque ocorrem de forma mais lenta e discreta, sendo detectados no decurso do tempo. Segundo Swarbrooke (2000, p. 109), "[...] em geral são invisíveis e intangíveis, e com pouca ou nenhuma oportunidade de serem revertidos depois de ocorridos".

O contraste socioeconômico entre turistas e residentes favorece o surgimento de conflitos. Archer e Cooper (2002, p. 94) citam o "efeito demonstração" da prosperidade em meio à pobreza que, não raro, leva a população local a ter desejo de imitar o modo de vida dos turistas, gerando um sentimento de privação e frustração que pode resultar em ressen-

---

timento e hostilidade.

O turismo pode causar tendências inflacionárias em nível local, particularmente em relação à terra e à habitação, além de perda de controle de recursos locais e da estrutura do poder local. Pode ainda ser agente promotor de um crescente individualismo, aumento no uso de drogas, crimes, permissividade, prostituição, estresse e perda da comodidade dos habitantes, alterações no ritmo social, nos costumes e nas formas como a identidade é vivenciada nesses locais (VIEIRA FILHO, 2006).

Embora em parte dos estudos sociológicos realizados enfatizem-se os efeitos negativos do turismo, pesquisas (BANDUCCI JUNIOR, 2001; BARRETTO, 2001; VIEIRA FILHO, 2005) revelaram que o turismo pode gerar uma contribuição positiva, especialmente no que concerne à geração de emprego e renda, conservação de áreas naturais e do patrimônio, e elevação da autoestima de populações locais.

Nicoletti (2003, p. 64) defende a interação entre locais e turistas. Segundo a autora, o ecoturismo age como elo entre o local e o global, o que permite a inserção do indivíduo na sociedade global e, ao mesmo tempo, torna possível a afirmação dos grupos locais.

Benefícios e problemas que o turismo gera tendem a ser distribuídos de forma desigual dentro e fora da sociedade em questão (VIEIRA FILHO, 2006). Os impactos do turismo em uma localidade devem ser relativizados, caso se leve em consideração outros fatores e variantes implicados na transformação sociocultural, sobretudo no atual estágio das tecnologias da comunicação e de globalização da cultura (BARRETTO, 2003, p. 24). Nesse contexto, torna-se importante o trabalho sobre as percepções da população local quanto aos impactos atribuídos ao turismo, que informa a reação ao fenômeno turístico (VIEIRA FILHO, 2005).

*Entender os processos psicossociais desencadeados pelo fenômeno turístico, as expectativas, desejos, satisfações e frustrações das populações anfitriãs e dos turistas, as motivações para agir de uma ou outra maneira, a busca para além da simples viagem, a dinâmica cultural em que o turismo está inserido, a diversidade de interesses e necessidades sociais que o turismo afeta, enfim, seus dilemas e paradoxos, seria uma enorme contribuição das ciências sociais para o planejamento equilibrado de um turismo responsável (BARRETTO, 2003, p. 26).*

### 3.2 TURISMO E MUDANÇAS SOCIOCULTURAIS NOS TERRITÓRIOS INSULARES

Os territórios insulares tendem a ser abordados por escritores como paradoxos: inferno e paraíso, liberdade e prisão, isolamento e comunidade, realidade e fantasia. As ilhas também têm sido uma preocupação constante de autoridades governamentais, de entida-

---

des conservacionistas e de acadêmicos, por se terem transformado em objeto de ocupações urbano-comerciais que colocam em risco frágeis ecossistemas e suas comunidades.

O mundo continental aportou em comunidades insulares trazendo novos padrões sociais, diminuindo as diferenças, interferindo no comportamento local e modificando-o. Para Giovannini Junior (2001, p. 150), certas localidades podem concentrar, em um espaço pequeno, uma efervescência cultural bastante original, em que ocorre a interação de pessoas e culturas de diversos lugares, tornando-se um espaço privilegiado para o estudo sobre o contato intercultural.

Em estudos sobre territórios insulares (DIEGUES, 1997; LIMA, 2002; PRADO, 2003; TEIXEIRA, 2003), focam-se ilhéus e a afirmação de suas identidades culturais, construídas com base no estilo de vida e, principalmente, no espaço biogeográfico.

O território insular tem uma comunidade única, adaptada ao ambiente, que vive sujeita a transformações significativas, especialmente quando o isolamento que a protege é afetado de maneira drástica, em determinados casos, pela abertura ao turismo.

A construção da identidade cultural insular está relacionada com a oposição ao outro, ao que não é da ilha, provocando uma reação contra a invasão dos novos migrantes, e oposição às restrições impostas pelas áreas protegidas, que limitam suas atividades tradicionais, como a pesca e a agropecuária. Para Lima (1998, p. 9), "por vezes, o contato com o mundo continental ressalta o sentimento de pertença da comunidade e reforça sua identidade ilhéu".

Como observado por Vieira Filho (2005), ser nativo por pertencimento implica certa mobilidade. Na comunidade estudada pelo autor,

*ser nativo ou do lugar poderia ser tomado não apenas como uma questão de local de nascimento, mas também de jeito de ser, que podia ser adquirido pela convivência ou relacionamento próximo com as pessoas do lugar [...] Dependendo das circunstâncias e das avaliações subjetivas e mutáveis do grau de proximidade e envolvimento com determinada pessoa, esta podia ser incluída, excluída e movida de categoria (VIEIRA FILHO, 2005, p. 7).*

Em estudos existentes, abordam-se questões socioculturais relacionadas com comunidades insulares brasileiras, tais como os de Diegues (1997) sobre populações de ilhas do litoral paulista; os de Prado (2003) sobre a polaridade entre nativos e não nativos na Ilha Grande e os de Lima (2002), sobre a formação da identidade local em Fernando de Noronha.

A investigação das "tensões" resultantes das pressões a que a ilha é submetida em seu ambiente sociocultural é fundamental para o entendimento de sua comunidade.

Em Fernando de Noronha, a exploração do turismo revela características semelhan-

---

---

tes a outras localidades estudadas, que também se situam como atrativos paradisíacos, têm status de unidade de conservação e inegável apelo ecológico, como é possível verificar em Ilhas do litoral paulista (FURLAN, 1997), Ilhabela (CALVENTE, 1997), Ilha do Mel (TOMAZ, 1997) e Ilha Grande (PRADO, 2003).

Para Lima (1998, p. 9), "Noronha foi, e ainda é, um espaço mapeado pelo processo sutil de segregação". Ainda segundo a autora, "a geografia da ilha é invisível ao primeiro olhar, e o seu traçado apenas é conhecido para quem se torna parte integrante do espaço insular".

Em determinadas comunidades insulares brasileiras pesquisadas, segundo Prado (2003, p. 211), "a mudança no modo de vida local se refere aos padrões culturais locais atravessados por uma nova lógica econômica, marcada pela introdução do turismo, que tem uma forte repercussão local".

Uma alternativa para garantir a conservação de tais territórios é a transformação desses espaços, pelo governo, em áreas protegidas, como é o caso do Parque Nacional Marinho dos Abrolhos, Parque Estadual da Ilha Anchieta, Parque Estadual de Ilhabela, Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual e Estação Ecológica da Ilha do Mel, e Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha.

Em determinados casos, quando os espaços insulares são transformados em áreas de proteção, a comunidade que habitualmente vivia da pesca e dos recursos naturais é tolhida em seu modo de vida tradicional. Embora lhe seja permitido permanecer no território de origem, certos lugares que antes eram acessíveis a todos não podem mais ser frequentados pelos ilhéus, em função da preservação de espécies da fauna e da flora locais.

Além das restrições impostas e da reestruturação socioeconômica, as comunidades insulares convivem com outros problemas, como a reconstrução da identidade sociocultural e a resistência à ocupação do espaço por pessoas do continente, que alteram a reprodução social, ao introduzir novas formas de viver, e modificam os padrões comportamentais.

Todavia esses e outros aspectos relativos ao turismo e às mudanças socioculturais em territórios insulares, sobretudo na perspectiva das populações locais, ainda carecem de mais estudos que ajudem a revelar a complexidade do fenômeno em questão.

### 3.3 A MEMÓRIA COLETIVA E AS MUDANÇAS PROVOCADAS PELO TURISMO

O estudo dos impactos do turismo na óptica das comunidades locais deve ser informado por uma abordagem da memória coletiva que ajude a apreender o significado mais profundo das percepções em seu contexto presente e ao mesmo tempo histórico (VIEIRA FILHO, 2005).

Constrói-se a memória social, cotidianamente, nas relações sociais e reformula-se,

---

continuamente, em função de seu uso no presente com base em imagens e ideias fundidas com as experiências do passado.

Para Lima (1998, p. 5), “a memória pode ser considerada como uma herança, decorrente dos processos de socialização política e histórica grupal e individual”. Como ela é elemento constituinte do sentimento de identidade, ambas — memória e identidade — são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais.

Em Noronha, antigos moradores ordenam suas referências com base na própria relação no presente com a comunidade e, somente por meio da memória, reencontram cotidianamente um sentido para seu viver. Conforme Lima (2002, p. 13), “em suas narrativas, eles recriam o tempo antigo e o significado desse tempo na representação de seu universo”.

*Segundo Nicoletti (2003, p. 63), uma atração turística pode ser vista como um conceito construído com base na interação entre histórias, lendas e segredos de um lugar, pois esses elementos pertencem à comunidade em sua memória coletiva e em sua história oral e documentada, e a comunidade é possuidora do entendimento do lugar e de sua transmissão aos visitantes.*

Para sobreviver no futuro, toda comunidade carrega consigo suas memórias do passado — personagens, eventos, rituais, canções, estórias e objetos. São memórias e referências que sustentam uma cultura que nem sempre se mantém face aos desastres, à opressão, e aos meios de comunicação do mundo atual. Muitas destas memórias são privativas e reservadas às comunidades, mas algumas podem e merecem ser compartilhadas com os visitantes, tanto para aumentar a autoestima local quanto para proporcionar um rendimento extra, fruto da visitação (GOODEY, 2002, p. 138).

#### **4. Análise dos resultados**

Conforme observações de Teixeira (2003, p. 118), “sem desconsiderar o sentimento nativista existente, é inegável que Noronha se configura como uma terra de migrantes, tanto no passado como no presente”. Para o autor, o processo de ocupação humana da ilha imprimiu um modo diferenciado de ser ilhéu entre os primeiros habitantes e as gerações posteriores.

Por meio da observação da comunidade noronhense, demonstra-se uma nítida divisão no interior, entre um grupo estabelecido na época dos militares, bastante integrado, o núcleo fundador e seus descendentes, e um grupo mais novo, os “de fora” ou haoles, palavra de ori-

---

gem havaiana, que significa estrangeiro, homem branco. Utilizou-se tal denominação, inicialmente, para surfistas que aportavam em Noronha na temporada dedicada à prática desse esporte. Posteriormente, passou a designar novos migrantes que vieram residir no arquipélago.

O grupo mais antigo foi moldado por um conjunto de experiências compartilhadas, gerando um estilo de vida comum, marcado por normas disciplinares e padrões comportamentais, dos quais todos se orgulham. Em contraponto, os *haoles* diferem dos outros moradores de maneira acentuada, perceptível em costumes, hábitos e modo de vida, detectados no vestuário, na linguagem e no comportamento sociocultural.

Apesar de a população de Noronha ser relativamente recente, o *ilhéu* tem características próprias bem enraizadas e demonstra grande orgulho de ser “nativo”, o que gera certa resistência em aceitar quem vem “de fora”. A identidade do *ilhéu* é defendida na comunidade, em contraposição à identidade dos novos moradores, ou *haoles*.

As diferenças entre nativos e *haoles* não se caracterizam apenas por fatores como renda ou classe social. Manifestam-se no sentimento nativista que permeia a comunidade, nos hábitos de trabalho, nas redes de poder, nas relações com o governo, na comunhão do imaginário coletivo e na não participação da experiência que moldou a vida insular.

Assim, as categorias de “*ilhéus*” e “*haoles*” permeiam as relações interpessoais e a noção de direito de acesso, permanência e uso dos escassos recursos da ilha. Antigos e novos migrantes enfrentam-se e disputam o espaço insular.

Para parte da comunidade nativa entrevistada, a chegada dos *haoles* à ilha foi uma invasão indesejada. O grande afluxo de migrantes foi considerado uma ameaça ao estilo de vida preestabelecido pela comunidade. Em geral, os nativos esperam que os novos moradores se adaptem a regras, tradições e estilo de vida, e, igualmente, submetam-se a controles.

Essa expectativa não foi correspondida em Noronha, uma vez que a maioria dos *haoles* trouxe consigo traços comportamentais do continente, alterando a continuidade do modo de vida comunitário preexistente e reordenando a estrutura social da comunidade.

Em culturas que definem pertencimento e direitos por descendência, ser *ilhéu* é uma solução que pretende determinar a inclusão a um grupo social da ilha e o acesso aos recursos que esse status proporciona. Essa solução cultural surgiu em uma época de transição e de grande afluência de pessoas do continente para a ilha, quando se tornou fundamental para o grupo social já existente defender seus direitos perante o dos recém-chegados.

Alguns dos resultados obtidos, com base nos 225 questionários aplicados, ajudam a elucidar a forma como os moradores permanentes percebem o turismo no arquipélago.

Em relação ao desenvolvimento da atividade turística na ilha, a maioria dos entrevistados teve uma impressão positiva: 52,2% consideraram-no bom, 20,8%, regular, e 20,3%, ótimo, enquanto apenas 4,2% consideraram a atividade ruim e 2,5%, péssima.

---

Quando questionados sobre o contato entre moradores e turistas, 79,2% dos entrevistados declararam que era amigável; 16,7% consideraram-no muito amigável, enquanto uma minoria — 4,1% — declarou ser-lhe indiferente. Nenhum entrevistado declarou-se hostil ou muito hostil aos turistas. A maioria dos entrevistados afirmou apreciar o contato com eles, valorizando esse tipo de experiência multicultural.

A grande maioria dos entrevistados (83,3%) afirmou que a atividade turística traz mais benefícios que problemas para a ilha, enquanto 16,7% dos entrevistados apontaram problemas relacionados com o turismo, como a falta de água, o encarecimento do custo de vida, o aumento do número de pousadas e veículos, a diminuição da segurança, e problemas sociais, como o aumento do uso de álcool e drogas, a falta de solidariedade entre os moradores e, principalmente, o aumento do número de moradores na ilha.

Questionados se a ilha estava melhor ou pior que há dez anos, a maioria dos moradores (75,3%) afirmou que estava melhor em relação à infraestrutura e às condições de trabalho, com algumas ressalvas quanto às questões relacionadas com a má condição das estradas e quanto à limitação para a expansão imobiliária, imposta pela legislação em vigor. Parte dos entrevistados afirmou que, apesar da melhoria geral, com destaque para a geração de emprego e renda, a comunidade encontrava-se menos coesa. Um total de 24,7% dos entrevistados achava que a ilha estava pior em função do aumento do número de moradores, da falta de moradia e do limitado serviço médico-hospitalar, além de conflitos de interesses e de valores entre os grupos.

Caracterizam-se os impactos socioculturais do turismo em Noronha em razão de certa ambivalência. Por um lado, o turismo representa novas oportunidades de trabalho, geração de renda, valorização sociocultural e consequente estímulo à manutenção dos valores da comunidade, proporcionando aos moradores um sentimento de pertença à localidade. Por outro lado, gera importantes custos sociais, informados em entrevistas realizadas com parte dos moradores, em que se destaca a ameaça ao estilo de vida e à cultura da comunidade noronhense.

É importante destacar que o turista em visita a uma localidade nem sempre absorve as referências culturais locais. Em Noronha, percebe-se a influência dos hábitos e comportamentos dos turistas sobre os moradores locais, principalmente entre os mais jovens, que adotam a linguagem, o vestuário e o comportamento dos visitantes.

Na opinião de determinados moradores entrevistados, o turismo em Noronha pode ser considerado um agente de fortalecimento da identidade local, ao garantir a continuidade e a manutenção dos hábitos e das tradições da comunidade, tais como as lendas e as festas, que se apresentam como atrativos turísticos.

Antigos moradores entrevistados foram unânimes em afirmar que, atualmente, a ilha

---

está bem melhor quanto à infraestrutura geral e às condições de trabalho e pior quanto ao aumento do número de pessoas. O conflito entre nativos e não nativos intensifica-se com as pressões de uma população exponencialmente crescente e o conseqüente consumo de recursos envolvidos nesse processo.

Os moradores têm consciência de que o turista que visita Noronha geralmente permanece de cinco a sete dias na ilha, em função da cobrança da taxa de preservação ambiental, o que evita um impacto maior nas relações entre moradores e turistas.

Apesar do rígido controle migratório, ressentem-se os moradores dos benefícios concedidos pela administração local aos novos migrantes, como concessão de terrenos e autorização para abertura e ampliação de empresas.

Em um depoimento dado, uma antiga moradora afirma que “tem emprego pra quem vem ‘de fora’, pros ‘de fora’ tem tudo. A ilha tá cheia de gente ‘de fora’, que os administradores trouxeram [...] os daqui não têm direito a nada”.

A geração de empregos, como impacto positivo, é questionável, uma vez que os melhores cargos são ocupados por não nativos, em muitos casos mais bem capacitados e, conseqüentemente, com mais facilidade de colocação no mercado de trabalho, sem grandes perspectivas profissionais para a população jovem local que tem acesso limitado à educação continuada.

A intensificação do fluxo turístico na ilha gera novos postos de trabalho, abertos, em sua maioria, para pessoas que vêm do continente e se tornam moradores temporários — situação que agrava o crescimento populacional e a pressão sobre a ocupação do solo.

Outra moradora antiga concorda que a ilha mudou muito com o afluxo de pessoas do continente, mas não se incomoda que vivam ou trabalhem na ilha, alegando que “todo mundo vem pra ganhar um dinheirinho. A vida lá fora é mais difícil. A gente tem pena, né? O governo não pode botar pra fora, não tem essa lei pra colocar o trabalhador pra fora”.

Apesar da disputa pelo mercado de trabalho, os moradores admitem que a atividade turística possibilitou a abertura de novos postos. Afirma uma moradora: “Pra trás só tinha mesmo aqui os pescadores, os funcionários e os militares. A vida era tudo diferente, não tinha esse monte de pousada e nem esse comércio”. Outro morador assevera: “O turismo mudou tudo, ninguém tinha nada, hoje é bom. Tem muito pai de família que vive do turismo.”

Além da geração de empregos, a de renda também é um impacto positivo atribuído ao turismo. A questão sobre quem obtém o benefício e quem paga os custos é complexa. Apesar de os turistas gastarem um valor que beneficia diretamente a comunidade, concentra-se a renda nas mãos de poucos.

Além das mudanças e dos conflitos gerados pelo aumento da atividade turística, percebe-se que há uma disputa entre empresários de diferentes empreendimentos ligados ao tu-

---

risimo, em função de uma lógica do lucro que, veladamente, domina a comunidade, causando impactos no espaço insular.

Parte dos ilhéus entrevistados afirma que antigamente havia mais solidariedade na comunidade, pois os moradores eram mais companheiros e unidos. Para eles, os que chegaram depois modificaram a ilha. Segundo um dos entrevistados, “antigamente havia menos gente na ilha, todos se conheciam e havia uma união muito grande”.

Há um conflito de saberes e comportamentos e uma consequente ruptura com o padrão de vida anterior. Percebe-se, entre os moradores mais antigos, uma nostalgia em relação ao tempo em que “a ilha era mais ilha”; para muitos, um tempo melhor, porque o lugar era mais tranquilo e solidário, e não entrava tanta gente.

Para alguns moradores entrevistados, as mazelas sociais, como o aumento do consumo de álcool e drogas, assim como o turismo sexual, são efeitos ocasionados pela expansão da atividade turística. Para outros, esses efeitos estão ligados ao isolamento geográfico que gera uma sobrecarga psicológica enorme para a comunidade, principalmente entre os mais jovens. É comum ouvir as expressões “euforonha” e “neuronha” que resumem, respectivamente, a euforia e a neurose de estar na ilha.

## 5. Conclusões

São marcantes as transformações ocorridas em Fernando de Noronha, após a consolidação do turismo como principal atividade econômica, no final da década de 1980. Foi nesse período que surgiram as hospedarias familiares e todo um comércio turístico, formal e informal.

O turismo é o maior gerador de emprego e renda de Noronha, proporcionando benefícios econômicos à comunidade; mas, paradoxalmente, traz uma série de impactos socioculturais que afetam a identidade local. Essa transformação, em parte, relaciona-se com o aumento do fluxo de turistas e com o crescimento populacional de moradores temporários, que modificam o espaço físico e o uso do solo urbano, produzindo uma nova ordem espacial.

Certas transformações não se restringem às mudanças na delimitação do espaço insular e envolvem novas formas de viver. O contraste socioeconômico entre moradores e visitantes resulta em uma gradual exclusão social da comunidade de certos processos e benefícios advindos da atividade.

A relação desigual acarreta uma série de conflitos para os moradores, que percebem o turista de forma ambígua, oscilando entre a aceitação e a rejeição. No discurso inicial dos ilhéus entrevistados, há uma grande valorização do turismo, que se mostra positivo para a

---

ilha, trazendo divisas e gerando empregos para todos. Após algum tempo de escuta, percebe-se certa rejeição à atividade turística, como fator marcante que mudou o modo de vida local.

Na maior parte dos depoimentos dos ilhéus, percebe-se a valorização do passado, geralmente idealizado, e um sentimento de nostalgia. Os entrevistados afirmam que, antigamente, a comunidade era mais solidária, os moradores eram mais companheiros e unidos. Para os antigos moradores entrevistados, os que vieram depois modificaram a ilha. Esses moradores sentem-se ameaçados pelos novos migrantes e demonstram certa resistência em aceitar quem vem “de fora”, defendendo a identidade de ilhéus, em oposição à identidade cultural dos novos moradores e aos direitos por eles adquiridos.

A oposição/interação entre moradores permanentes, moradores temporários e turistas, produz uma cultura em processo de transformação e agregação pela crescente interação com o continente e pelo contato constante com os turistas. Aos poucos, reconstrói-se uma nova estrutura social que emerge como continuação e reordenação do tecido social insular.

Em tempos de modernidade e globalização, os meios de comunicação de massa, sobretudo a televisão e a internet, desempenham um papel fundamental nas transformações socioculturais, sendo difícil distinguir os impactos do turismo na ilha entre outros fatores de mudança existentes.

Ainda que nem toda e qualquer modificação que esteja ocorrendo no espaço insular se deva exclusivamente ao contato com os turistas, uma vez que a cultura é dinâmica e está em constante movimento, os turistas são vistos pelos ilhéus entrevistados como o grande catalisador de informações e transformações na ilha, aportando novos padrões comportamentais e afetando direta e indiretamente a comunidade local. Nesse processo, a vivência material e imaterial da comunidade não se perde, transforma-se. O que se percebe é que no “tempo do turismo”, na ilha, é possível vivenciarem-se o encontro e o conflito entre diversas culturas, cujo resultado ainda é imprevisível, podendo tanto resultar na rejeição da cultura dos locais e turistas pelos ilhéus quanto em um crescente hibridismo cultural.

## 6. Referências

- ARCHER, Brian; COOPER, Chris. Os impactos negativos e positivos do turismo. In: THEOBALD, W. (org.) **Turismo global**. São Paulo: SENAC, 2002.
- BARRETTO, Margarita. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n.o 20, p. 15-29, out. 2003.
- \_\_\_\_\_. As ciências sociais aplicadas ao turismo. In: SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa Turini; LUCHIARI, Maria Tereza D. P. (orgs.) **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas: Papirus, 2000.
- CALVENTE, Maria del Carmen M. H. Ilhabela: turismo e território. In: DIEGUES, Antonio Carlos (org.). **Ilhas e sociedades insulares**. São Paulo: NUPAUB-USP, 1997.
- CORIOLOANO, Luzia Neide M. T. **Do local ao global: o turismo litorâneo cearense**. Campinas: Papirus, 1998.
- DIEGUES, Antonio C. (org.) **Ilhas e sociedades insulares**. São Paulo: NUPAUB-USP, 1997.
- FURLAN, Sueli Angelo. As ilhas do litoral paulista: turismo e áreas protegidas. In: DIEGUES, Antonio Carlos (org.). **Ilhas e sociedades insulares**. São Paulo: NUPAUB-USP, 1997.
- GIOVANNINI JUNIOR, Oswaldo. Cidade presépio em tempos de paixão. Turismo e religião: tensão, negociação e inversão na cidade histórica de Tiradentes. In: BANDUCCI J., Álvaro; BARRETO, M. (orgs.) **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas: Papirus, 2001.
- GOODEY, Brian. Turismo cultural: novos viajantes, novas descobertas. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (orgs.) **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- GUIDDENS, Antony. **Modernity and self-identity**. Cambridge: Polity Press, 1991.
-

- 
- HALL, Stewart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: De Paulo, 1997.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — IBGE. **Censo demográfico 2010**.
- LIMA, Janirza Cavalcante da Rocha. **Mumbecos e haole, afinal, quem somos, os de Noronha?**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2002 (Ensaio).
- \_\_\_\_\_. **Travessias, lembranças e memórias em Fernando de Noronha**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1998 (Ensaio).
- NICOLETTI, Lenita. Turismo e desenvolvimento sustentável. In: MONTORO, Tânia Siqueira (org.). **Cultura do Turismo: desafios e práticas ambientais**. Brasília: Thesaurus, 2003.
- PRADO, Rosane M. As espécies exóticas somos nós: reflexão a propósito do ecoturismo na Ilha Grande. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n.o 20, p. 205-224, out. 2003.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental**. São Paulo: Aleph, 2000, vol. 1.
- TEIXEIRA, Wilson (org.). **Arquipélago Fernando de Noronha: o paraíso do vulcão**. São Paulo: Terra Virgem, 2003.
- TOMAZ, L. M. O mato e os manguezais na ilha do Mel: a percepção dos nativos. In: DIEGUES, Antonio C. (org.). **Ilhas e sociedades insulares**. São Paulo: NUPAUB-USP, 1997.
- VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- VIEIRA FILHO, Nelson A. Quadros. Novas reflexões sobre o velho tema dos impactos socioculturais do turismo à luz de um estudo antropológico em Lavras Novas, Ouro Preto (MG).
-

---

In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 2., 2005, Camboriú. **Anais...** Camboriú, ANPTUR, 2005.

\_\_\_\_\_. O turista e seu comportamento: reflexões a partir de um estudo antropológico em Lavras Novas, Ouro Preto (MG). In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 3., 2005, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul, UCS, 2005.

\_\_\_\_\_; FERREIRA, M. A. T. Empreendedorismo e turismo na era do conhecimento. In: \_\_\_\_\_; DIAS, R. **Hotelaria e turismo: elementos de gestão e competitividade**. Campinas: Alínea, 2006, vol. 1, p. 11-32.